

FILOSOFIA E DIÁLOGOS COM A EDUCAÇÃO: AS POSTURAS PEDAGÓGI- CAS DO PROFESSOR PRESENTES NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDI- ZAGEM EM SALA DE AULA

Philosophy and dialogue with education:
the educational postures teacher gifts in the
process of teaching and learning in the classroom

Antonio Carlos Jesus Zanni de Arruda¹

¹ Professor Doutor e Coordena-
dor do Curso de Filosofia,
Centro de Ciências Humanas, da
Universidade Sagrado Coração –
USC, Bauru/SP. E-mails: arruda-
filosofia@hotmail.com e antonio.
arruda@usc.br

ARRUDA, Antonio Carlos Jesus Zanni de. *Filosofia e diálogos com a Educação: as posturas pedagógicas do professor presentes no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula*. Mimesis, Bauru, v. 30, n. 2, p. 167-176, 2009.

RESUMO

Abordaremos aqui três eixos centrais pedagógicos, através do diálogo com três epistemologias filosóficas, a saber, a experiência e algumas derivações da mesma e o apriorismo; para finalmente apontarmos uma alternativa, através de uma leitura que permita compreender melhor o processo de ensino e aprendizagem: o construtivismo e suas implicações filosóficas e pedagógicas.

Palavras-chave: Filosofia. Educação. Processo de ensino e aprendizagem. Construtivismo.

Recebido em: 22/06/2009
Aceito em: 31/08/2009

ABSTRACT

We will discuss here three central axes teaching through dialogue with three philosophical epistemology, namely, experience and some derivations thereof, and the a priori, to finally point out an alternative, through a reading that allows to better understanding the process of teaching and learning: constructivism and its philosophical and pedagogical implications.

Keywords: Philosophy. Education. Teaching and learning. Constructivism.

INTRODUÇÃO

Ao analisarmos a relação professor e aluno na sala de aula no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem, podemos constatar a presença de algumas epistemologias filosóficas e posturas pedagógicas, como a experiência e o apriorismo. Apresentaremos neste artigo, essas duas concepções pedagógicas e suas influências filosóficas. Por último, apresentaremos a abordagem construtivista, sua prática pedagógica e sua epistemologia inerente, recomendando a mesma como transgressão de práticas pedagógicas conservadoras.

A Metodologia utilizada baseou-se no texto “Tempo Histórico e Tempo Lógico na interpretação de sistemas filosóficos” de Vitor Goldschmidt, onde utilizamos do método dogmático, o qual consiste em interpretar e ao mesmo tempo ultrapassar as idéias do autor, estabelecendo um diálogo referencial, apresentando dessa forma, contribuições para o pensar e o repensar a Educação como um todo.

A EXPERIÊNCIA

A experiência aparece de maneira muito presente de diversos modos e maneiras. Podemos como exemplo inicial apontar o reforço da “imagem” do professor, reconhecido de uma maneira equivocada como máxima autoridade, como um sujeito que domina conteúdos e que, portanto para aprender, basta tão somente o aluno, assimilar, decorar, realizar atividades determinadas pelo professor, de uma maneira passiva e ainda tê-lo como modelo a ser seguido, pois para se

ARRUDA, Antonio Carlos Jesus Zanni de. *Filosofia e diálogos com a Educação: as posturas pedagógicas do professor presentes no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula*. Mimesis, Bauru, v. 30, n. 2, p. 167-176, 2009.

ARRUDA, Antonio Carlos Jesus Zanni de. *Filosofia e diálogos com a Educação: as posturas pedagógicas do professor presentes no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula*. Mimesis, Bauru, v. 30, n. 2, p. 167-176, 2009.

obter sucesso é necessário ser intelectual e o modelo a ser seguido é o do “mestre depositário da verdade”.

Esta visão, caracterizada de maneira ingênua ou não, implicará em questões muito sérias, já que proporciona diretamente, de maneira ideológica, uma aprendizagem passiva, não contando com a elaboração, representação ou construção de conhecimentos tanto por parte do professor e muito menos pelos alunos, havendo tão somente memorização, reforçando assim a ideia de uma didática tradicional, lembrando dessa maneira, as pedagogias conservadoras e tradicionais, entre as quais podemos exemplificar através da Escola Pitagórica: “*Magister dixit!*!” (“*O Mestre disse, está dito!*”).

Neste tipo de pedagogia os alunos tão somente observam os dados apresentados, posteriormente os escrevem e após os descrevem, sendo então levados a acreditar que estão aprendendo, já que vão sendo condicionados a acreditar piamente que o conhecimento se dá verdadeiramente através de uma reprodução de ideias e conceitos, não havendo nada de novo, “*tendendo a criar uma impressão durável no espírito*”. (AEBLI, 1978, p. 8).

Os alunos a partir dessa concepção somente recorrem a dados sensoriais de percepção e observação, já que a referência máxima é o professor, mesmo porque o mesmo aponta o que e como seguir através do “despejar de conteúdos e informações”.

Dessa forma, os alunos são vistos pelo professor como se fossem “*tábulas rasas*”, aos quais progressivamente vai imprimindo, nos próprios, as impressões fornecidas pelos sentidos.

Este tipo de pedagogia tradicional não apresenta os alunos como sujeitos no processo da aprendizagem, havendo tão somente uma primazia do meio externo, da experiência. Tal pedagogia está vinculada diretamente à filosofia empirista, onde o sujeito é visto como refém ou cópia da realidade, estando à mercê daquilo que o externo imprime, determina ou condiciona o sujeito.

A corrente empirista explica o funcionamento da inteligência por uma pressão que o meio exterior – físico ou social – exerce sobre o organismo e que, paulatinamente, é gravada na mente ou no espírito do sujeito, independente de sua atividade. (BECKER, 1997, p. 16).

Não se trata aqui de desprezar a experiência nem de tampouco fundar críticas a quem toma tal postura como prática pedagógica, mas em estabelecer uma discussão em como a experiência exerce influência sobre o sujeito e como este registra e constrói os dados por ela fornecidos.

Não há como negar que a experiência possui papel importante nas fases de desenvolvimento cognitivo do sujeito; pois, como começamos a entender como o mundo funciona, senão primeiramente através de coisas visíveis e tangíveis?

Porém, através do desenvolvimento biológico e intelectual do indivíduo, fica claro que há certo descolamento desse mundo empírico, passando a um favorecimento da organização de dados construídos quando da ocorrência da experiência.

Reforçamos a tese de que o sujeito, ao adentrar o mundo da escola, especificamente, no processo da aprendizagem, não deve receber um tratamento de passividade, em tão somente assimilar conteúdos; mas, ao contrário, ser capaz de agir e transformar.

Nota-se também no processo de ensino e aprendizagem, que a experiência pode se apresentar de outras formas, como por exemplo, estar vinculada à prática cotidiana, ao fazer, o executar de acordo com o que se vive no dia-a-dia, havendo uma dicotomia entre o diário e a parte teórica, muitas vezes sendo justificada esta prática, com discursos como: “Se ficar preso ao conteúdo, os alunos não entendem nada. Melhor então, é lecionar de acordo com os seus assuntos de interesse”.

Não há aqui o questionamento de conteúdos, suas contribuições, nem tampouco o construir por parte dos alunos.

Outra forma a ser retratada é a do conhecimento alinhavado como algo referente às experiências de vida, um mero senso-comum, vivido em um plano sensorial, sem reflexão sistemática, onde impera uma certa passividade e conformismo: “Sempre foi assim, para que mudar algo?”

Também está presente, nesta pedagogia, o modo empirista no processo de ensino e aprendizagem, revelando-se de maneira a permitir que, aprendendo algo externo ao sujeito, se conhecerá as coisas de uma maneira mais clara, sem eloquências teóricas, nem tampouco filosofias. Nada mais é do que perceber a realidade e descrevê-la como esta funciona, sempre apostando em um acumular de conhecimentos adquiridos, cabendo ao professor a incumbência de transmitir esses conhecimentos acumulados e aos alunos o papel de receber, reforçando assim de maneira negativa a figura e a autoridade do professor.

ARRUDA, Antonio Carlos Jesus Zanni de. *Filosofia e diálogos com a Educação: as posturas pedagógicas do professor presentes no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula*. Mimesis, Bauru, v. 30, n. 2, p. 167-176, 2009.

ARRUDA, Antonio Carlos
Jesus Zanni de. *Filosofia e
diálogos com a Educação:
as posturas pedagógicas
do professor presentes no
processo de ensino e aprendi-
zagem em sala de aula.*
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 2,
p. 167-176, 2009.

O APRIORISMO

Esta visão radicaliza em relativizar a experiência, absolutizando o sujeito, ou seja, em afirmar que o mesmo possui formas (“Gestalten”) de conhecer as coisas, sem necessitar da presença do meio, como se este não possuísse qualquer influência sobre este processo. Em outras palavras, “o sujeito é unicamente aquilo que trouxe consigo desde a concepção até o nascimento”.

No processo de ensino e aprendizagem, tal posicionamento advoga e reivindica filosoficamente em atribuir ao sujeito estruturas endógenas que o permitem elaborar conhecimento, bastando tão somente que o professor “despertar” essas estruturas, estabelecendo um certo estímulo na busca pelo conhecer.

O aluno é visto como que já nascesse com condições inatas para o conhecer e o construir, no sentido de possuir ou não talentos. É como que se biologicamente já existisse uma pré-determinação, vamos dizer assim, certa condição para o sucesso ou para o fracasso.

Nesta postura poderemos ouvir frases como: “Possuo mais aptidão para as matérias exatas, do que para as humanas”, ou ainda “para ser desportista tem que ter tendência para o esporte, tem que gostar daquilo”. (BECKER, 1993, p. 92).

Como o professor vincula esta filosofia com uma concepção pedagógica?

Caberá ao mesmo a missão de levar o indivíduo a despertar essas potencialidades inatas trazidas por uma bagagem hereditária, visto que não se levará em conta questões que permeiam uma discussão sobre o processo de ensino e aprendizagem, referentes aos conteúdos, políticas de ensino, condições de trabalho, etc.. Mas sim, em descobrir quais são as aptidões que o aluno possui, para então desenvolvê-las. E se este apresentar problemas de construção de conhecimento, problemas trazidos de seu lar, o professor deverá estabelecer conversas com os pais, ocasionar um desvio do foco de atenção em identificar quais são os reais problemas enfrentados neste processo. Em outras palavras, se o aluno não aprende, o problema está no mesmo, pode estar apresentando “déficits de aprendizagem”, ou não se empenha suficiente para poder aprender.

O CONSTRUTIVISMO

Mas como “escapar”, ou mesmo transgredir, dessas concepções que acabam forjando paradigmas e práticas conservadoras e passivas?

Sabemos que há muitos questionamentos, inclusive por parte dos próprios professores em relação a essas abordagens, porém também se percebe que, mesmo criticando esses modelos, falta aos docentes um paradigma epistemológico que lhes proporcione enxergar a si mesmo e a seus alunos, incluindo questões de fundamentação e apoio pedagógico.

É preciso sair desse senso-comum, até mesmo em enxergar a experiência com outros olhos:

... não é recepção; é antes, ação e construção (estruturação) progressivas. O sujeito passivo do empirismo é substituído pelo sujeito ativo cuja experiência pressupõe uma atividade organizadora ou estruturante, de modo que a experiência é construída e não imprimida tal e qual no espírito do sujeito. (BECKER, 1997, p. 61).

Isto sugere um caminho didático para a formação de professores: refletir, primeiramente, sobre a prática pedagógica da qual o docente é sujeito. Apenas, então, apropriar-se de teoria capaz de desmontar a prática conservadora e apontar para construções futuras. Em geral, a formação dos professores segue o caminho (currículo) inverso: apropriar-se da teoria e, em seguida, impô-la à prática através de receituários didáticos, independentemente de sua pertinência a esta mesma prática (BECKER, 1993).

Essa prática sugere criatividade em se estabelecer um melhor diálogo, não somente entre professores e alunos, mas também entre os próprios professores e disciplinas, ultrapassando visões errôneas de conhecimentos estanques, sem relacionamentos com outras áreas do conhecimento.

Uma visão mais construtivista de processo de ensino e aprendizagem pressupõe uma prática pedagógica mais interdisciplinar, de multiplicação de conhecimentos, sem perder a especificidade particular. Segundo o próprio Piaget:

...trata-se, em outras palavras, de estarem imbuídos os próprios mestres de um espírito epistemológico bastante amplo a fim de que, sem tanto para negligenciarem o campo de sua especialidade, possa o estudante perceber, de forma continuada, as conexões com o conjunto do sistema das ciências. Ora, tais homens atualmente são raros. (PIAGET, 1976, p. 25).

No processo de ensino e aprendizagem é preciso levar em conta que o sujeito possui certas “Gestalten”, que são dadas de maneira

ARRUDA, Antonio Carlos Jesus Zanni de. *Filosofia e diálogos com a Educação: as posturas pedagógicas do professor presentes no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula*. Mimesis, Bauru, v. 30, n. 2, p. 167-176, 2009.

ARRUDA, Antonio Carlos Jesus Zanni de. *Filosofia e diálogos com a Educação: as posturas pedagógicas do professor presentes no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula*. Mimesis, Bauru, v. 30, n. 2, p. 167-176, 2009.

biológica de início, mas que se constituem em seu todo à medida que desenvolve ações próprias de construção quando da experiência, ou seja, quando toma contato com o mundo empírico e aí é chamado a organizá-lo, tornando-se assim um sujeito cultural e histórico, pois leva em conta a sua história de desenvolvimento cognitivo e o processo de construção do conhecimento científico. E isso é implicar diretamente epistemologia e educação, ou seja, de que por trás de qualquer concepção pedagógica, está implicada de maneira subjacente uma filosofia, uma teoria do conhecimento.

Tomar como base a epistemologia dissertada no parágrafo acima, o indivíduo é encarado a todo instante como um sujeito ativo, já que é chamado para uma ação, num contexto, contexto este, temporal e espacial; ação esta não somente para si mesmo, mas para todo o meio que o cerca, quer seja, social, cultural, econômico etc.

Leva-se em conta com isso que tanto a experiência quanto a razão possuem papéis de interação, porque quando o sujeito toma contato com o meio, este lhe apresenta valores, conhecimentos, e é através de sua ação de organizar este mundo, através de esquemas de assimilação e de acomodação, que lhe serão possibilidades de dar significado às coisas.

Com o estabelecimento desta pedagogia, o professor passa a ter chance de oportunizar possibilidades, desenvolvendo nos alunos a capacidade de questionar, de levantar dúvidas. Com isso poderá refletir sobre suas próprias bases teóricas, em como articular conhecimentos de uma maneira lógica, em saber compreender como os seus alunos organizam e entendem o desenvolvido.

Nega-se por um lado, o saber absoluto atribuído ao professor e o autoritarismo daí derivado; a pretensa incapacidade de o professor influir no aluno e a inutilidade dos conhecimentos deste. Por outro lado, nega-se a ignorância absoluta atribuída ao aluno e a subserviência e a inanição que lhe são cobradas; o autoritarismo do aluno e a pretensa insuficiência de seus instrumentos de acesso ao conhecimento. (BECKER, 1993, p. 11).

Há assim um verdadeiro resgate da autoridade do professor em ser reconhecido como alguém que possui e domina um conhecimento sistematizado, mas que valoriza uma relação construída a dois pólos, ou seja, o de si mesmo e o de seus alunos, levando em conta às experiências e as expectativas de ambas as partes, construindo uma relação de ensino e aprendizagem mútua.

Neste sentido, já não se sustenta mais defesas de práticas pedagógicas conservadoras que enxergam a relação entre professor e aluno como algo estático, onde impera a passividade por parte dos

alunos, em ver o professor como dono da verdade, ou ainda, em esperar que o mesmo estimule sua disposição para o aprender. E ainda de que se há falhas ou distorções nas relações de ensino e aprendizagem, a única culpa é do aluno.

A abordagem construtivista enxerga aluno e professor como seres ativos, já que ambos possuem condições para o aprender e para o ensinar. Ambos são sujeitos. Porém isso somente é possível de acontecer se tivermos como pano de fundo, a adoção de uma epistemologia que promova um debate em enxergar melhor quais e quem são os sujeitos envolvidos nesse processo, tendo como consequência uma melhor seleção de conteúdos a serem ensinados e trabalhados.

REFERÊNCIAS

AEBLI, H. **Didática Psicológica**. 3. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

ARRUDA, A C J Z A. **A importância da experiência na construção da noção espacial segundo a Epistemologia Genética de Piaget**. Dissertação de Mestrado. UNESP, 2004, Bauru/SP.

ARRUDA, A. C. J. Z. A. **Inteligência e Ensino de Ciências: um estudo fundamentado na Epistemologia Genética de Piaget**. (Tese de Doutorado). UNESP, 2009, Bauru/SP.

BECKER. F. **A Epistemologia do professor**. O Cotidiano da Escola. Rio de Janeiro: Vozes. 1993.

BECKER. F. **Da ação à operação**. O caminho da aprendizagem em J. Piaget e P. Freire. 2. ed. Rio de Janeiro: DPA.. 1997.

BECKER. F. **Modelos Pedagógicos e Modelos Epistemológicos**. In: Educação e construção do conhecimento. Porto Alegre. Artmed. p. 15-32. 2001.

BRÉHIER, É. **História da Filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

CHALMERS, A. F. **O que é ciência afinal?** Trad. Raul Fiker. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1997, p.231-235.

ARRUDA, Antonio Carlos Jesus Zanni de. *Filosofia e diálogos com a Educação: as posturas pedagógicas do professor presentes no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula*. Mimesis, Bauru, v. 30, n. 2, p. 167-176, 2009.

ARRUDA, Antonio Carlos Jesus Zanni de. *Filosofia e diálogos com a Educação: as posturas pedagógicas do professor presentes no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula*. Mimesis, Bauru, v. 30, n. 2, p. 167-176, 2009.

DESCARTES, R. **Meditações Metafísicas**. Cultural/Nova Cultural. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1987.

GOLDSCHMIDT, V. Tempo histórico e tempo lógico na interpretação de sistemas filosóficos. In: **A religião de Platão**. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. p. 142-143.

HUME, D. Da origem das Idéias, Seção I, parágrafo 13. **Tratado da Natureza Humana**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

HUME. David. **Da filosofia cética ou acadêmica**. Seção XII, 198. s/d.

KANT, I. **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1974.

KANT, I. **Dissertação de 1770**. Editora Nacional – Casa da Moeda. Lisboa, 1982.

KANT, I. **Prolegômenos a toda Metafísica Futura**. Editora Edições 70. Lisboa, 1982.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura – Estética Transcendental**. Coleção Os Pensadores. Editora Nova Cultural. São Paulo, 1987.

MACEDO (trad.). **Dicionário Terminológico de Jean Piaget**. São Paulo. Pioneira Editora, s/d.

PIAGET, J. **Biologia e Conhecimento**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1973.

PIAGET, J. **Introduction a l'Épistémologie Génétique: La Pensée Physique**, Paris: PUF, 1974, p. 18.

PIAGET, J. **Introducción a la Epistemologia Genetica**. 1 – El pensamiento matemático. Buenos Aires: Paidós, 1975.

PIAGET, J. **Introducción a la Epistemologia Genetica**. 1 – El pensamiento físico. Buenos Aires: Paidós, 1975.

PIAGET, J. **A Construção do Real na Criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PIAGET, J. **Para onde vai a Educação?** Unesco. 1976.

PIAGET, J.; GARCIA, R. **Psicogênese e História da Ciência**. Cidade Nova, 1978.

PIAGET, J. **Psicologia e Epistemologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1978.

PIAGET, J. **A Epistemologia Genética**. São Paulo: Abril Cultural.1978.

PIAGET, J. (org.) **Lógica e Conhecimento Científico**. Porto: Livraria Civilização, 1981. 2v.

PIAGET, J. **Sabedoria e Ilusões da Filosofia**. São Paulo: Nova Cultural, 1983, (Os Pensadores).

PIAGET, J. **Seis Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1984.

PIAGET, J. **O Nascimento da Inteligência na Criança**. Rio de Janeiro: Zahar,1987.

PIAGET, J., INHELDER, B. **A Psicologia da Criança**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1994.

ARRUDA, Antonio Carlos Jesus Zanni de. *Filosofia e diálogos com a Educação: as posturas pedagógicas do professor presentes no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula*. Mimesis, Bauru, v. 30, n. 2, p. 167-176, 2009.